



No 26.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO DE FOLCLORE CASA DE PORTUGAL CULTURA POPULAR ENALTECIDA EM ANDORRA

Por José LUÍS CARVALHO*

ANDORRA LA VELLA – Andorra – O Grupo de Folclore Casa de Portugal levou a cabo sábado, dia 30 de abril, o Festival de Folclore comemorativo do 26.º aniversário desta entidade cultural sediada no Principado de Andorra. A sala de espetáculos do Centro de Congressos de Andorra la Vella, capital do Principado, acolheu mais de uma centena de folcloristas representativos do folclore português e andorrano através das atuações do grupo anfitrião, do Esbart Dansaire d'Andorra la Vella e do Rancho Folclórico dos Residentes do Alto Minho em Andorra.

A abertura do espetáculo esteve a cargo do Grupo de Folclore Casa de Portugal que apresentou um vídeo produzido e editado por Marc e Mireia Medeiros, recompilatório das atividades das bodas de prata realizadas em 2021 fazendo também uma discreta alusão ao fim da pandemia e à guerra que assola o povo da Ucrânia. Na continuação apresentaram as danças do seu repertório como o Vira das Palmas, Góta de Gondarém ou Chula de Viana, entre outras.

O Esbart Dansaire apresentou danças do cancionário popular da quadra carnavalesca re-

cebendo calorosos aplausos do público assistente.

O folclore lusitano voltou ao palco pela mão do Rancho Folclórico do Alto Minho que apresentou a vivacidade das suas danças e o garrido dos trajes vermelhos envergados pelas jovens do grupo português sediado em Andorra.

Antes da protocolar entrega de lembranças do Festival, o Esbart teve tempo de apresentar uma segunda dança demonstrando a energia dos dançadores e a alegria do folclore andorrano.

O final do evento ficou marcado pela presença dos três estandartes no palco, sendo também convidados a Ministra de Cultura e Desporto, Sílvia Riva, o Deputado da Assembleia da República, Paulo Pisco, as Vereadoras do Comú de Andorra la Vella, Meritxell Pujol e Meritxell Lopez e o empresário José Costa, tendo sido todos obsequiados com uma peça de artesanato, um coração de Viana elaborado com fragmentos de cerâmica, produzido pela artista vianense Anabela Pereira. Seguiram-se breves discursos das autoridades presentes, elogiando o labor cultural do Grupo de Folclore Casa de Portugal e o excelente contributo do Alto Minho e do Esbart nas suas apresentações em palco.

*Diretor artístico. LP



Fotografias gentilmente cedidas por César de Pablos – Dona Secret.

EM LISBOA, DANIEL BASTOS APRESENTOU: NOVO LIVRO SOBRE AS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Na passada sexta-feira (22 de abril), foi apresentado em Lisboa o livro “Crónicas - Comunidades, Emigração e Lusofonia”.

A obra, que reúne as crónicas que o escritor e historiador Daniel Bastos (colaborador do LusoPress) tem escrito nos últimos anos em diversos meios de comunicação dirigidos para as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, foi apresentada na Sociedade de Geografia de Lisboa.

A sessão de apresentação, que encheu a sala de convívio, de uma das mais relevantes instituições culturais do país, de dirigentes associativos, agentes políticos, académicos, emigrantes e lusodescendentes, esteve a cargo do conhecido advogado e comentador, Luís Marques Mendes, que assina o prefácio da obra e caracterizou a mesma como um “exemplo de cidadania e de serviço público”.

Segundo Luís Marques Mendes, este livro é “o espelho da homenagem que Daniel Bastos quer prestar aos milhões de portugueses que, fora do nosso país, honram, servem e prestigiam Portugal. E fá-lo como deve ser: com simplicidade e com verdade, com entusiasmo e com realismo, com autenticidade e com pragmatismo, com respeito pelo passado mas sem descurar a ambição do futuro”.

Neste novo livro, composto por cerca de centena e meia de crónicas, e realizado com o apoio da Sociedade de Geografia de Lisboa - Comissão de Migrações, o historiador português através de uma assumida visão de compromisso com os emigrantes, revela o empreendedorismo, as contrariedades, a resiliência e a solidariedade das comunidades lusas, a riqueza do seu movimento associativo, e as enormes potencialidades culturais, económicas e políticas que as mesmas representam nas pátrias de acolhimento e de origem.

Refira-se que o livro foi apresentado no decurso de uma cerimónia de homenagem a Gérald



Mesa da sessão de apresentação do livro “Crónicas - Comunidades, Emigração e Lusofonia”. Da esq. para a dir.: o historiador Daniel Bastos, acompanhado do advogado e comentador, Luís Marques Mendes, da Presidente da Comissão de Migrações da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), Maria Beatriz Rocha-Trindade, e da Diretora do Museu da SGL, Manuela Cantinho.

Bloncourt, fotógrafo franco-haitiano que imortalizou a emigração portuguesa e os primeiros dias da Revolução de Abril, e com quem o autor realizou os livros “O olhar de compromisso com os filhos dos Grandes Descobridores” e “Dias de Liberdade em Portugal”. E que, ao longo do ano estão previstas várias sessões de apresentação da obra noutros espaços do território nacional e da Diáspora.

Historiador, escritor e professor, Daniel Bastos, é atualmente consultor do Museu das Migrações e das Comunidades, sediado em Fafe, e da rede museológica virtual das comunidades portuguesas, instituída pela Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, que pretende criar uma plataforma entre diversos núcleos museológicos, arquivos e coleções respeitantes à história e à memória, à vida e às perspetivas de futuro dos portugueses que vivem e trabalham fora do seu país. LP

COMEÇO A FICAR FARTO...

Por Chrys CHRYSTELLO

De facto não pedi para nascer, mas como já cá ando há muito tenho-me esforçado para que o mundo fosse um lugar melhor, mais justo, equitativo e equilibrado. Tenho de admitir, neste ocaso da vida, que foi um falhanço total, depois de três décadas esperançosas entre 1960 e 1990, isto piorou de forma avassaladora e nem mesmo os enormes avanços da tecnologia me fazem sorrir de otimismo. Não é só esta estúpida invasão da Ucrânia e a guerra iniciada pelos russos, nem apenas o aquecimento global, nem as catástrofes naturais que se multiplicam de ano para ano, é olhar para esta horta plantada à beira-mar e vê-la mirrar sugada por nove milhões de corruptos (ou mais) onde a justiça só se aplica ao pé descalço e os ricos e poderosos escapam por entre os pingos da chuva, onde os banqueiros recebem bónus milionários por mais perdas de lucros ou mais prejuízos que tenham obtido, à impunidade no desporto, na política, na vida em geral. Começo a convencer-me de que a corrupção não só é endémica como genética e isso favorece populismo cheganos e outros.

Por momentos admito mesmo que o ditador estivesse certo ao dizer algo parecido a “quanto mais ignorantes, mais felizes”. Os poucos seres pensantes vivem rodeados de preocupações e a maioria da população entretém-se sem elas, por entre futebol, telenovelas, alguma fé e o voyeurismo de programas circenses sem se preocupar com a perda de direitos e liberdades como aconteceu na experiência de controlo de massas (dito Covid-19), ou com a subida dos combustíveis, da inflação, da taxa Euríbor.

E aquele sonho de Robinson Cruso e antigo já se desvaneceu e são poucas as ilhas desertas onde se pode sobreviver. Se eu – ao menos – pudesse desligar do que me rodeia, mas para quem foi jornalista toda a vida difícil seria encontrar o botão de desligar como na imagem dos três macacos (cegos, surdos e mudos). Resta-me ler e escrever e fazer de conta que o que se passa em volta não me afeta e tentar manter alguma sanidade nos dias que me restam, isto se, entretanto, ninguém decidir carregar no botão vermelho... LP

